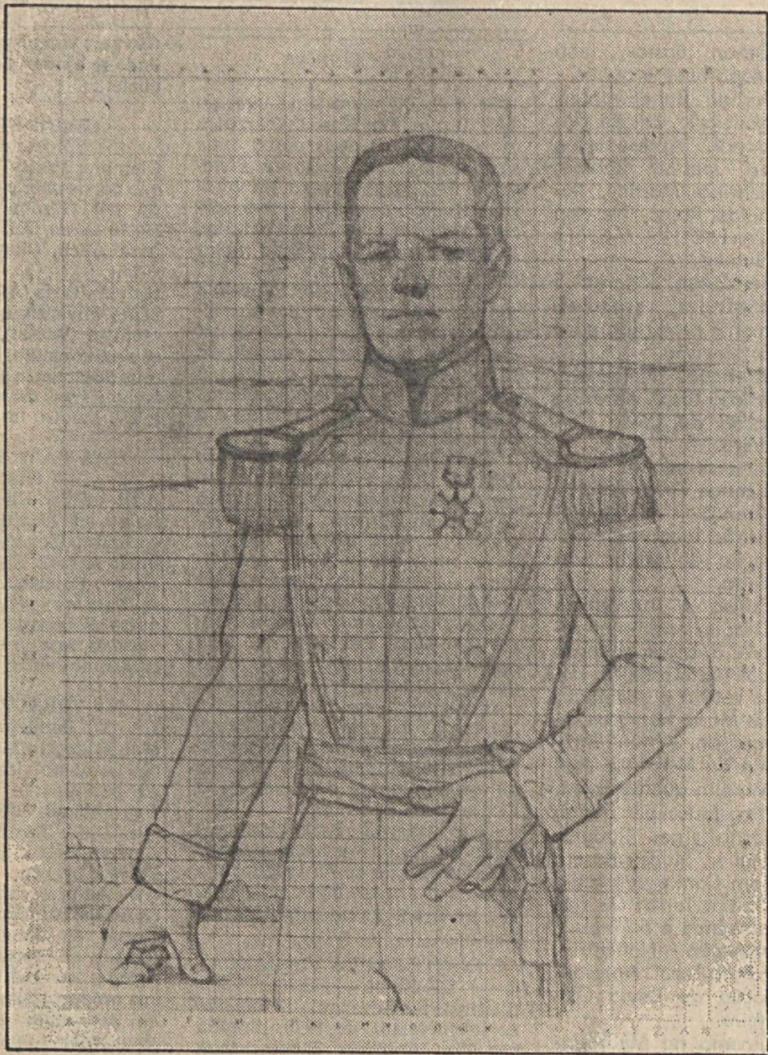


ABREU E LIMA

Com alguns dados biográficos e duas fotografias recebidos do Itamarati, o pintor pernambucano Reinaldo Fonseca fixou a imagem do General Abreu e Lima, um freqüentador bissexto na História do país, libertador da Venezuela



O RETRATO DE UM LIBERTADOR

Beatriz Bomfim

PINTOR desde menino, algumas premiações, professor de Desenho aposentado, o pernambucano Reinaldo Fonseca recebeu, do Ministério das Relações Exteriores, uma encomenda pouco comum: retratar, em óleo, o General José Inácio de Abreu e Lima, freqüentador bissexto das páginas da História do Brasil, com base em um esmaecido retrato de um senhor beirando os 60 anos. E dar-lhe, na expressão fisionômica e no porte, o garbo de um personagem histórico de 36.

Do Itamarati, o pintor recebeu alguns dados biográficos, duas fotografias, algumas recomendações, como a de pôr no peito do General uma comenda. E em mais ou menos um mês, após exercícios em papel quadriculado, conseguiu sair-se bem: entregou o quadro que será dado de presente, dia 10, ao Presidente Luís Herrera Campíns, que estará até o dia 12 em visita oficial ao Brasil.

Reinaldo Fonseca, 56 anos, utilizou-se de outros recursos para cumprir a tarefa: além dos desenhos a lápis sobre papel conseguiu descobrir, através de um primo, um descendente da família Abreu e Lima. E ser informado de que a família tinha origem holandesa.

— Como o rapaz é louro de olhos azuis, e algumas informações históricas confirmavam, tratei de dar estes traços ao General. A farda foi baseada em uma do livro do Panteon da Venezuela, com heróis da época. E daí também tirei a comenda de Libertador da América, uma estrela de sete pontas.

Mas até para pintar a farda o pernambucano Reinaldo Fonseca teve que dar tratos à bola: uma parte da farda era em azul marinho, a outra em antado, "cor inexistente em pintura". E, pesquisando, foi atrás da cor da anta e deu um tom marrom avermelhado.

O pintor não teve muitos problemas em pintar o retrato, que teria que ser bem realista, porque sua pintura é realista.

— Acrescenta uma paisagem pernambucana. O mais difícil para mim, que faço poucos retratos, foi remoçar o General em quase 30 anos. Faço-os em geral por fotografias ou pose, mas nunca tinha feito plástica. Para atender à recomendação de que fosse garboso, pedi a um amigo meu que posasse um pouco para os detalhes, o que é incomum em minha produção. Não foi muito simples.

Um dos generais de Bolívar, Abreu e Lima não tinha, sequer, um retrato pintado no Panteon dos heróis venezuelanos, embora seus restos mortais, que estão no Cemitério

dos Ingleses, em Pernambuco, tivessem sido pedidos por aquele país. E este quadro, que mede 1m30cm por 97cm, será dado ao Presidente Herrera Campíns, que irá ao Recife especialmente para depositar uma coroa de flores no túmulo do General brasileiro.

— Para pintar este retrato parei um pouco minha produção que, por contrato, é toda comprada pela Galeria Ipanema. Não pinto muito — perto de 15 a 20 quadros por ano, e, quando há material suficiente, a própria galeria encarrega-se de fazer exposições no Rio e em São Paulo.

Como pintor, Reinaldo Fonseca não segue o mesmo trajeto de tantos outros: depois de participar de alguns salões e ter recebido uma isenção do júri não mais concorreu, nem mesmo aos prêmios de viagem do Salão Nacional de Belas-Artes. Tem alguns prêmios, mas nunca participou de coletivas.

— Este contrato com a Ipanema me dá a tranquilidade necessária para pintar. Estou no Rio desde 1969 e sou autôdata. Fiz cursos livres na Escola de Belas-Artes de Recife (Desenho), formei-me em professor e fui catedrático. Aposentei-me, fiz uma exposição na Bonino logo que cheguei que serviu como um teste. Como vendi bem, fiquei.

Reinaldo Fonseca define sua pintura como realista. No início, os críticos a incluíram no realismo-mágico, mas hoje o mágico está dentro dos quadros.

— Faço sempre pessoas, fiz apenas duas paisagens, mas não é fácil dizer o porquê. É uma questão de sentir, de ter necessidade de fazer isto ou aquilo. O importante é a qualidade.

Alguns críticos acham que o pintor deve estar sempre se renovando, mas penso o contrário. É claro que, pela experiência, fazemos algumas modificações que são sutis, não aparecem.

Em seus quadros, o último é um pátio de orfanato, a constante são as crianças. Há sempre uma com o olhar triste que chama a atenção. Mas Reinaldo não explica nem busca explicações.

— Sei que o olhar chama a atenção. Há uma certa tristeza, quando tento fazer uma pessoa sorrir fica meio caricatural. Ai volto à expressão concentrada. Não há qualquer motivo especial, é uma questão de temperamento. Quanto à tristeza, há tanto drama por aí que não dá mesmo vontade de rir.

Do Governo, é a primeira encomenda que recebe. Na área estadual, fez alguns murais em Recife, alguns para residências e um para a Marinha. E continua pintando, sem muita pressa, para a Galeria Ipanema, "que me dá toda a liberdade, sem jamais impor condições".



UM GENERAL PROSCRITO

Vamireh Chacon

SO mesmo um impacto do porte da visita de um Presidente estrangeiro poderia chamar a atenção em favor de um desconhecido oficialmente na história brasileira, o General José Inácio de Abreu e Lima.

E que Abreu foi uma figura polêmica do berço ao túmulo.

Nasceu filho de padre e de que padre, nada menos que do Padre Roma, assim alcunhado por ter sido ordenado pelo futuro Papa Pio VII, nem por isso desistindo de abandonar os votos, terminando fuzilado na revolução jacobina brasileira de 1817.

Abreu era capitão de artilharia, recém-egresso da Academia Militar. Foi obrigado a assistir ao martírio do pai, do que deixou vivido relato.

Revoltado, tomou o caminho do exílio. Seguiu para os Estados Unidos, em companhia de um irmão. De lá rumou para Caracas, atraído pela estrela do Bolívar, que fascinava de Humboldt a Lafayette, Victor Hugo e Byron.

Numa sua carta ao primeiro Presidente da Venezuela, José Antônio Páez, ele depois lembraria: "Ninguém sabia quem eu era; ninguém sabia que eu pertencia a uma das mais distintas famílias deste país; que tinha nascido rico, que tinha tido uma educação de príncipe; que possuía vários títulos científicos; que tinha sido capitão de artilharia na idade de dezoito anos; e ultimamente que tinha sido vítima da primeira revolução (1817) que se fizera no Brasil pela inconfidência deste país; em que meu pai fora fuzilado, e eu escapei por milagre, da cadeia da Bahia. E sem embargo servi em Colômbia com os mais distintos chefes; e apesar de muitas intrigas de que fui vítima, adquiri a reputação de um chefe valente, ilustrado e muito fiel..."

E relembra sua participação nas grandes batalhas da libertação nacional da América hispânica, a primeira guerra de libertação nacional do mundo, concluindo: "Eu vi nascer Colômbia nas Queceras del Médio; eu vi a v. (General Páez) com 150 homens arrojar todo o exército de Morillo; eu vi fugir a cavalaria espanhola diante dos pelotões de v.; eu vi a infantaria inimiga recuar até a orelha do monte — tudo vi em companhia dos Generais Soublette e Bolívar da margem direita do Arauca; e fui eu quem escrevi o boletim dessa Jornada. A nossos pés vinham cair as balas da artilharia espanhola, ou passavam por nossas cabeças". "Tenho orgulho de chamar-me um dos libertadores de Venezuela e dos de Nova Granada, e sem usar das minhas veneras. Faço garbo das minhas cruces de Boyacá e de Porto Cabello, e do meu nobre escudo de Carabobo. Tenho e conservo o busto de ouro do Libertador, que ele mesmo me deu como um diploma muito honroso".

Tinha sido a despedida de Bolívar grato pela defesa que Abreu dele fizera, pela imprensa, contra seus detratores.

Desfeito o sonho da unidade hispano-americana, Abreu e Lima parte para a França, onde conhece e admira o rei-burguês Luís Felipe, um liberal moderado diante do liberal radical brasileiro. Também Abreu se entusiasma com Pedro I no exílio, em quem quase vê alguns traços dos libertadores da outra América.

Retorna ao Brasil, para sua província natal, Pernambuco, ainda quente das cinzas de 1817 e 1824 e já se preparando para a rebelião de 1848.

Participa ativamente da sua preparação pelo Diário Novo, do qual é fundador, e por

obras doutrinárias de cunho cada vez mais radical jacobino culminando na Cartilha do Povo. Que seria retomada, após a repressão armada ao movimento, pelo livro O Socialismo em 1855, o primeiro sobre o tema no Brasil, onde defendia o cristianismo socialista de Lammenais indo adiante do cristianismo apenas social de Lacordaire.

O General, condenado à prisão perpétua em seguida ao fracasso da Praieira, viu-se absolvido num segundo julgamento.

Mesmo assim passaria a ser um homem marcado, inclusive visado pelo apelido de "General das Massas", ao qual assumiu, como se diz hoje. E orgulhosamente, tanto quanto seu título recebido de Bolívar em plenos campos de batalha.

A rebelião de 1848 foi das mais sangrentas e mais discutidas do Império. Caxias recusara-se a combatê-las por ter sido a única para a qual não recebera instruções precisas. O futuro Tamandaré enfrentou-a por acaso, estando de passagem pelo porto do Recife. Foi uma guerra civil. Testemunhos descrevem a intensa fuzilaria que desabava das janelas dos prédios da cidade. Joaquim Nabuco conclui: "... a verdade é que a Praia era a maioria, era quase o povo pernambucano todo; e o povo julga o seu direito tão extenso como a sua vontade, sobretudo quando luta com as classes que se servem das delongas infinitas da lei para conservarem os seus privilégios e perpetuarem os seus abusos."

Essa interpretação da história como luta de classes, pelo menos implícita, fora declarada explicitamente por Abreu já em 1835, no seu Bosquejo histórico, político e literário do Brasil, quando escrevia: "Que somos todos inimigos e rivais uns dos outros na proporção das nossas respectivas classes, não necessitamos de argumento para prová-lo, basta só que cada um dos que lerem este papel, seja qual for a sua condição, meta a mão na sua consciência e consulte os sentimentos do seu próprio coração."

E noutro trecho, no livro sobre o socialismo, afirma quase ecoando Marx, a quem não cita, preferindo referir-se a Babeuf, Fourier, Saint-Simon e outros ditos "socialistas utópicos": "O progresso material engendra por toda a parte o progresso moral; e a civilização marcha irresistível, levada pelos próprios obstáculos que se lhe opõem". "O plebeísmo... é o símbolo da humanidade reabilitando-se por si mesma".

Varnhagen, arguto conservador, foi o primeiro a intuir onde poderia chegar a ideologia do General, mesmo vaga, se aplicada como metodologia ao estudo da história. Logo se opôs com veemência, em polémica memorável.

Para culminar tão acidentado itinerário de heterodoxias, Abreu e Lima teve negada sua sepultura eclesástica, numa época de união entre Igreja e Estado, por defender o direito protestante de propaganda religiosa no Brasil, através da divulgação de Bíblias que os católicos julgavam falsas.

Hoje seus restos descansam no "British Cemetery", que os pernambucanos chamam de "Cemitério dos Ingleses", a meio caminho entre o Recife e Olinda. E o local das homenagens oficiais do Estado e da nação venezuelanos pelo Presidente Herrera Campíns, em nome indireto também da Colômbia, pátrias criadas pela geração de Bolívar, Santander, Páez, Abreu e Lima.

Já que voltará a recair sobre Abreu a cortina do silêncio, que chegou ao ponto de proibir as comemorações do seu centenário no Recife em 1969, por que não se deixa de derramar lágrimas hipócritas e não se permite que suas cinzas sigam para o panteão dos heróis da libertação em Caracas?...